

IV. Cereais

IV.1. Introdução

A OCM das culturas arvenses na UE é responsável pela maior fatia do FEOGA-G (cerca de 40%), tendo sido uma das vertentes principais da Reforma da PAC em 1992 e da Agenda 2000. Em 1998, esta actividade representou cerca de 42% da superfície agrícola da UE e cerca de 13% do valor do produto agrícola (Direcção Geral de Agricultura, Comissão Europeia).

A taxa de auto-suficiência da UE está estimada em 118% para os cereais. Em termos mundiais, a UE é o terceiro maior produtor de cereais, com 13% da produção total (Direcção Geral de Agricultura, Comissão Europeia).

IV.1.1. OCM dos cereais

Os cereais constituíram o primeiro grupo de produtos a ser incluído numa OCM no âmbito da PAC, devido à sua importância para o consumo humano e animal e para o comércio intracomunitário. Em Janeiro de 1962, o Conselho decide criar a OCM dos cereais, cujos principais instrumentos eram:

- ❑ ***um preço indicativo***, fixado pelo Conselho no início de cada campanha de comercialização para cada tipo de cereal;
- ❑ ***um preço de intervenção***, que era fixado a uma determinada percentagem do preço indicativo e indicava o preço mínimo a que os preços de mercado podiam cair. Quando este nível mínimo era atingido, os organismos de intervenção nacionais eram obrigados a comprar os cereais. A fim de incentivar os produtores e operadores a armazenarem eles próprios os cereais e não a colocá-los nas existências de intervenção imediatamente a seguir à colheita, os preços de intervenção sofriam ***majorações mensais*** durante uma parte da campanha de comercialização;
- ❑ **um preço limiar** para a entrada de cereais na UE;
- ❑ **restituições à exportação**;
- ❑ **QMG** (Quantidade Máxima Garantida). No caso desta quantidade ser ultrapassada, o preço de intervenção era reduzido de 3 a 5%.

IV.1.2. As principais alterações decorrentes da reforma da PAC de 1992

- ❑ **Redução progressiva do preço de intervenção** com o objectivo de aumentar a competitividade dos cereais comunitários.
- ❑ Introdução de uma **ajuda compensatória**¹, a fim de compensar a perda de rendimento devido à redução dos preços institucionais, uma vez, que se supunha que os preços de mercado acompanhariam esta descida. Esta é calculada com base na produtividade histórica, sendo atribuída por hectare e não por quantidade produzida.
- ❑ **Abolição da QMG**. Foi fixada uma superfície de base histórica para as culturas arvenses, para além da qual a ajuda por superfície era reduzida proporcionalmente (**SMG** – Superfície Máxima Garantida).

Foi previsto um **período de aplicação transitório que ia da campanha de comercialização 93/94 à campanha 95/96 (fase de implementação)**, durante o qual os principais elementos que constituíam a nova OCM deveriam ser introduzidos.

A adesão de Portugal à Comunidade

Até 1990, em Portugal, beneficiando da 1ª etapa de transição, os preços dos cereais continuavam a ser fixados pela EPAC, que adquiria os cereais a um preço fixado. Na última campanha em que estes preços foram fixados, os seus valores eram de 50\$00 e 41\$00, para trigo e o milho, respectivamente.

A partir de 1991, em Portugal passam a vigorar as regras comunitárias (o preço de mercado era de 44\$00 e 35\$00, passando para 32\$00 e 30\$00 em 1995), embora tenha sido criada uma “*ajuda especial aos produtores portugueses de cereais*” que em 1991 era de 15\$00 e 12\$50 respectivamente.

IV.1.3. Alterações decorrentes dos acordos da OMC

Durante os seis anos do período de execução do **acordo do Uruguay** (1995-2000), foram adoptadas as seguintes medidas:

- ❑ Os cereais da UE possuíam o benefício da protecção comunitária, ou seja, os cereais de países terceiros não podiam entrar na UE a um preço inferior ao preço limiar. A diferença entre o preço limiar e o preço mundial consistia nos **direitos niveladores**. A partir deste acordo, a diferença entre o preço mundial e o preço comunitário é **limitada superiormente pelo Equivalente Tarifário (ET)**.

¹ Para tentar reduzir o incentivo à produção, foi introduzida como condição de concessão de ajuda: **a taxa de retirada obrigatória das terras**, isto é, a retirada de produção de uma quantidade de terras aráveis, esta medida só se aplicava aos produtores com uma produção superior a 92 toneladas de cereais.

- ❑ Portugal tem o direito de importar 500 000 toneladas de milho dos EUA e da China. Este valor corresponde aproximadamente a metade do total da importação média de milho por Portugal;
- ❑ Acordos UE-EUA que asseguram a importação pela UE de milho e trigo de qualidade;
- ❑ Restituições à exportação: as quantidades exportadas deverão reduzir-se em 21%, devendo o montante das despesas diminuir 36% tendo como base de referência o período 86/90.
- ❑ Foi também decidido que seria necessária uma redução das restituições, através da redução do preço comunitário.

Após os acordos da OMC o conceito de **preço limiar** deixa de existir nos moldes anteriores. No período pré-OMC, ao preço externo adicionavam-se os direitos niveladores² de modo a elevá-lo ao preço limiar, sendo este decido pela Comissão e directamente proporcional ao preço de intervenção. A partir de 1995, a diferença entre o preço interno e o preço de referência mundial, não poderá ultrapassar um valor fixo - **Equivalente Tarifário (ET)**. Deste modo uma descida do preço de referência mundial pode originar uma descida do preço dos cereais importados (vd. figuras III.13, III.14, III.15).

Antes dos acordos da OMC

$$\text{Preço das Importações} = \text{Preço limiar} = \text{Preço externo} + \text{Prélèvement}$$

(fixo)
(variável)
(variável)

Depois do acordo da OMC

$$\text{Preço Importações} - \text{Preço externo} \leq \text{ET}$$

(variável)
(variável)
(fixo)

IV.1.4. Alterações no âmbito da Agenda 2000

- ❑ O **preço de intervenção** para os cereais será **reduzido** em 15%. A intervenção deixará de ter o papel de garantir a manutenção dos preços a um nível elevado, passando antes a servir de rede de segurança para os rendimentos agrícolas.
- ❑ Pagamento directo para os cereais **aumenta**³ de 54 ecus/t para 66 ecus/t.

² Ou *prélèvements*.

³ A retirada obrigatória será mantida enquanto instrumento, mas a sua taxa normal será fixada em 0%, em condições pré-determinadas. A retirada voluntária das terras continuará a ser possível relativamente a, pelo menos, 10% da superfície arável da Comunidade. A um nível superior a 10%, os Estados Membros poderão fixar as próprias percentagens máximas.

IV.2. O Trigo Mole

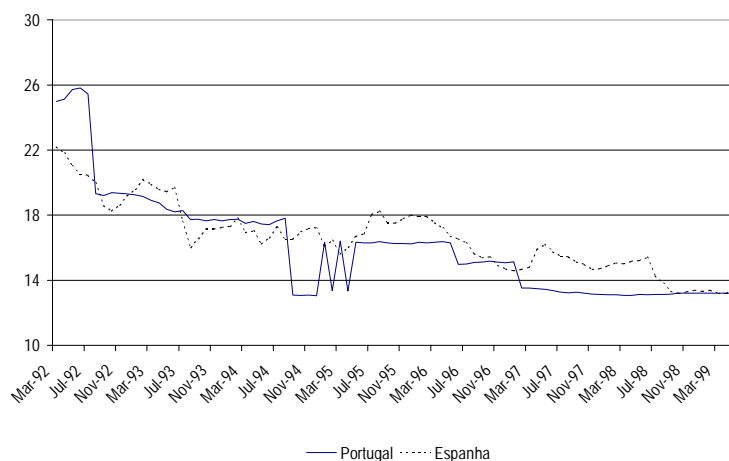
O trigo é o cereal mais representativo da UE, sendo a França o seu maior produtor. O trigo mole é o sector que origina maiores excedentes. **Em Portugal a oferta de trigo mole é deficitária, sendo necessário recorrer a importações intra e extra comunidade.**

IV.2.1. O Preço do Trigo Mole no produtor em Portugal: comparação com outros países

Neste ponto far-se-á uma análise comparativa da evolução do preço do trigo mole, no produtor, em Portugal, com os preços do trigo mole no produtor em Espanha, em França (tomada como referência do mercado comunitário) e nos EUA (tomado como referência do mercado mundial). Procurar-se-ão tirar conclusões sobre o grau de integração do mercado português do trigo mole nos respectivos mercados, para o que serão utilizados coeficientes de correlação estatísticos.

- *O Mercado Espanhol*

Gráfico IV.1. Preços no produtor de trigo mole em Espanha e Portugal
(euros/100Kg)



Fonte: Eurostat “Prix Agricoles”

O preço do trigo mole em Portugal apresenta uma evolução muito próxima à do preço em Espanha, o que é confirmado pela correlação relativamente alta (0.84) observada para todo o período em análise, apontando para a existência de um mercado Ibérico para o trigo mole.

A **integração do mercado português e espanhol** deve-se fundamentalmente à facilidade com que Portugal importa trigo de Espanha dada a proximidade geográfica, bem como a uma relação cambial bastante estável durante a última década.

Teoria da correlação

O recurso aos coeficientes de correlação neste estudo teve como objectivo conseguir um indicador, embora rudimentar, do grau de relação entre a evolução de dois preços e assim do grau de integração entre mercados. A correlação linear ou grau de relação entre variáveis, procura determinar como uma equação linear descreve ou explica a relação entre duas variáveis.

Coefficiente de correlação

$$r = \frac{\sum xy}{\sqrt{(\sum x^2)(\sum y^2)}}$$

em que

$$\begin{aligned} x &= X - \bar{X} \\ y &= Y - \bar{Y} \end{aligned}$$

O coeficiente de correlação mede a excelência do ajustamento aos dados da equação. Se r for próximo de zero, isso significa que quase não há correlação linear entre as variáveis. Se r próximo de 1 ou -1 , a correlação diz-se elevada, existe uma relação forte entre as variáveis.

A correlação é um instrumento rudimentar que não deve ser utilizado para tirar conclusões, mas é um indicador da existência de possíveis relações entre os preços, embora existam observações a ter em conta na sua interpretação:

- O coeficiente de correlação encontrar-se próximo de 1 não significa que os preços apresentam valores próximos, significa simplesmente que as evoluções se aproximam.
- O coeficiente de correlação próximo de -1 significa que as evoluções entre os dois preços são contrárias, quando um preço sobe o outro desce.
- A correlação próxima de 0 não significa que não existe nenhuma relação entre os preços, basta durante um período um dos preços apresentar maior variância para a correlação baixar (em valor absoluto).
- Por vezes a evolução entre os dois preços difere, embora os preços se aproximem, apresentando portanto uma correlação bastante baixa.
- Por vezes os preços apresentam evoluções bastante diferentes, mas aproximam-se pontualmente, apresentando uma correlação baixa, quando de facto seguem pontualmente uma evolução próxima. No caso dos produtos agrícolas, esta situação ocorre frequentemente, durante certos períodos da campanha, principalmente quando se trabalha com dados mensais (a correlação poderia ser baixa, aumentando com a utilização de dados anuais).

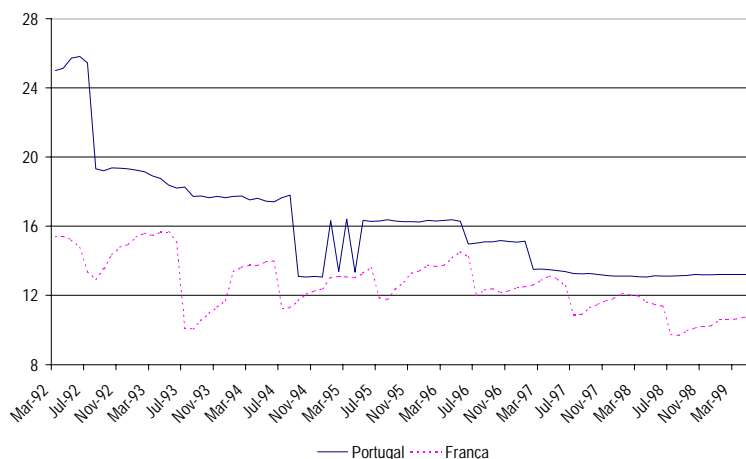
• *Mercado Comunitário*

Os preços em França apresentam um comportamento relativamente estável ao longo de todo o período (Março de 1992 – Junho de 1999) situando-se a níveis mais baixos que os verificados em Portugal. Nos últimos anos nota-se uma aproximação dos preços nacionais aos preços franceses.

A correlação entre os índices de preços em Portugal e em França é relativamente alta para o período em estudo (0.7). É pertinente notar que a partir de Março de 1995, esta

correlação aumenta para 0.8, denotando uma progressiva **integração do mercado nacional no mercado comunitário** e a harmonização entre os respectivos preços.

Gráfico IV.2. Preço no produtor de trigo mole em França e Portugal
(euros/100Kg)

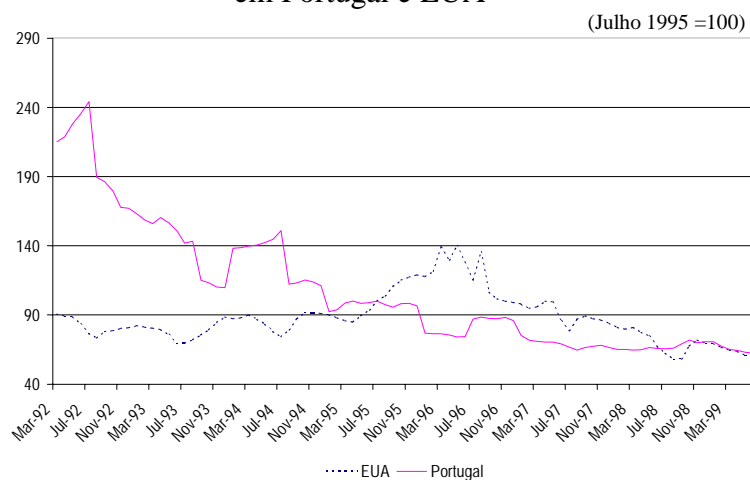


Fonte: Eurostat “Prix Agricoles”

• O Mercado Mundial

Embora se observe uma certa estabilidade nos últimos anos (1998 e 1999), os preços do trigo mole em Portugal e nos Estados Unidos apresentam evoluções distintas (vd. gráfico IV.3), como pode ser confirmado pela análise da correlação para o período em estudo (relativamente baixa e indiciando evoluções contrárias).

Gráfico IV.3. Índice* de preços no produtor de trigo mole em Portugal e EUA



*Índice, deflacionado, calculado com base nos preços expressos em dólares.

Fonte: Eurostat “Prix Agricoles”

Departamento de Agricultura EUA (USDA) “NASS”

Analisando o período anterior à criação da OMC e período pós criação da OMC, constata-se que o grau de correlação passa de 0.23 para 0.5, o que pode indicar um **aumento de integração do mercado nacional no mercado mundial, no seguimento dos compromissos da OMC.**

Em Resumo:

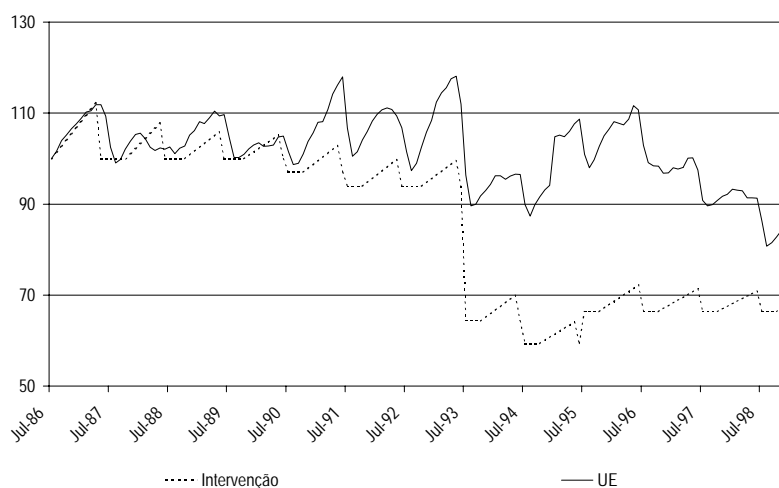
As correlações obtidas apontam para um aumento da integração do mercado do trigo mole no mercado comunitário em particular com o mercado espanhol, assim como um aumento com o mercado mundial, a partir de 1995.

IV.2.2. Reforma de 92 e OMC

Neste ponto, far-se-á, uma análise descritiva do mercado comunitário do trigo mole na UE, procurando, sempre que possível, relacionar a formação do preço de mercado na UE com as variações dos instrumentos de política agrícola, recorrendo ao instrumental teórico abordado no capítulo III.

Gráfico IV.4. Índice* de preços de intervenção e no produtor, de trigo mole na UE

(Julho de 1986=100)



*Índice, deflacionado, calculado com base nos preços expressos em ecus.

Fonte: Eurostat "Prix Agricoles"

J.O.C.E.

No gráfico IV.4 pode-se observar a evolução do preço médio do trigo mole na UE, no produtor, e o respectivo preço de intervenção. O preço de intervenção do trigo mole apresenta movimentos sazonais devido a majorações mensais nos primeiros meses de campanha. A subida que se observa na campanha 1995/1996, ao contrário do que

havia sido estipulado no âmbito da reforma da PAC, é consequência do regime Agromonetário.

Dados do período de implementação da reforma

Quadro IV.1. Superfície, Rendimento e Produção de Trigo Mole

	1991	1992	1993	1994	1995
Superfície (1000ha)					
Espanha	1 811	1 613	1 412	1 322	1 459
França	4 669	4 655	4 306	4 357	4 523
Portugal	221	245	232	227	232
EUR15	13 214	14 100	12 974	12 819	13 400
Rendimento (100kg/ha)					
Espanha	23,5	19,1	30,2	24,9	17,6
França	68,5	65,8	66,0	67,9	66,2
Portugal	12,5	9,8	17,2	18,8	14,7
EUR15	58,9	55,8	59,6	60,4	60,4
Produção (1000ton)					
Espanha	4 254	3 078	4 260	3 295	2 566
França	32 004	30 613	28 427	29 602	29 931
Portugal	277	240	400	427	343
EUR15	77 773	78 682	77 298	77 474	80 965

Fonte: "A Situação da Agricultura na UE" – relatório 1998.

As existências de intervenção representavam cerca de 19% da produção comunitária no início da reforma, reduzindo-se substancialmente no decorrer da reforma. A partir da campanha 97/98 voltaram a subir. Ao contrário das exportações, que representam cerca de 25% da produção comunitária, as importações comunitárias de trigo mole são pouco representativas.

Gráfico IV.5. Stocks de intervenção de trigo mole no fim da campanha UE

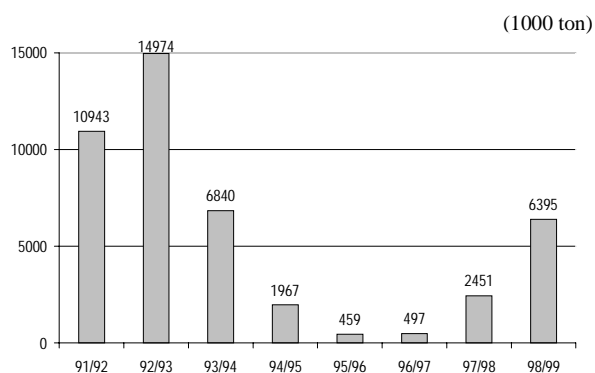
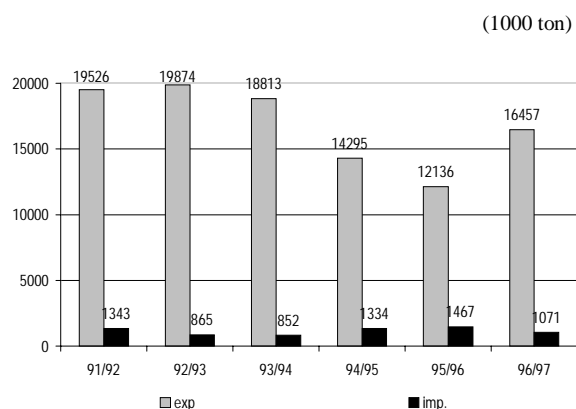


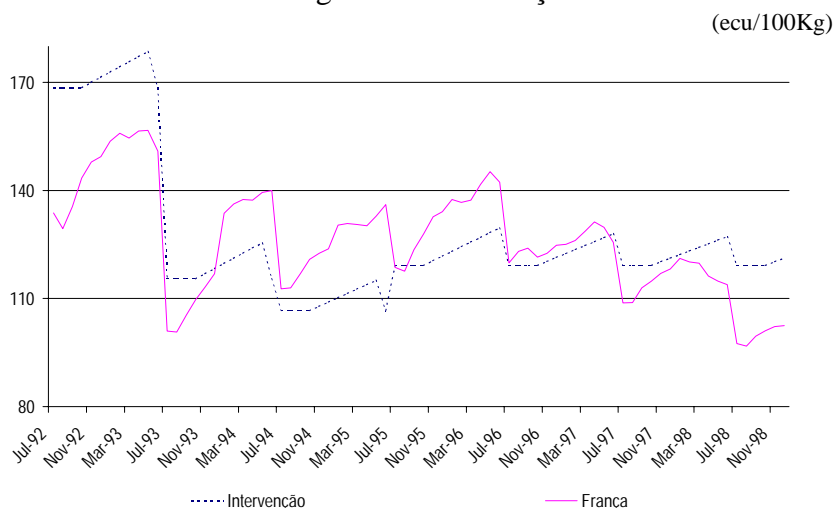
Gráfico IV.6. Importações e Exportações de trigo mole na UE



Fonte: Comissão Europeia, DG Agricultura

Na maioria dos Estados-Membros, o preço do trigo mole apresenta-se ao nível, ou mesmo inferior, ao preço de intervenção, em 1992, como é o caso da França (vd. gráfico IV.7⁴).

Gráfico IV.7. Preços de intervenção e no produtor, de trigo mole em França



Fonte: Eurostat "Prix Agricoles"
J.O.C.E.

Na campanha em que ocorreu a primeira descida do preço de intervenção (Julho de 1993), o preço de mercado do trigo mole apresentou uma descida substancial. Esta dever-se-á à **descida do preço de intervenção** enunciada pela política (que estaria acima do preço de equilíbrio), suficientemente extensa de tal modo que **o preço de mercado terá passado a formar-se segundo a interação entre oferta e procura do mercado⁵ comunitário**. Tal corresponde à situação descrita pela figura III.7. Em consequência, as existências de intervenção, que representavam cerca de 19% da produção comunitária, desceram substancialmente (vd. gráfico IV.5).

A evolução do preço do trigo mole na UE e no mercado mundial é descrita no gráfico IV.8, onde é visível uma evolução aproximada entre os preços comunitários e os preços dos EUA, principalmente nos últimos anos em análise. Os dois níveis de preços praticamente não se correlacionam durante parte do período, correlacionando-se significativamente (0.81) no período pós OMC, podendo revelar um aumento da

⁴ Nesta comparação, é necessário ter em conta que na conversão na respectiva moeda nacional, ao preço de intervenção aplica-se a taxa verde e ao preço de mercado do trigo mole a taxa de câmbio.

⁵ Pelo recurso à metodologia de *Box-Jenkins* (Barradas, 2000) existe uma alteração de estrutura na evolução do preço do trigo mole no produtor na UE a partir de Julho de 93.

integração do mercado Europeu no mercado mundial. Assim, após 1995, **torna-se bastante importante a relação entre a evolução dos preços mundiais e comunitários**. Recorrendo a testes econométricos, concluiu-se que existe uma relação de causa efeito entre o preço mundial e o preço comunitário, assim como, uma alteração de estrutura na evolução dos preços comunitários do trigo mole, no produtor, após 1995 (Barradas, 2000).

Teste da Causalidade de Granger

Para concluir se haverá alguma *causa efeito* do preço de intervenção e do preço mundial sobre o preço de mercado, no produtor, da União Europeia, recorreu-se ao conceito de **causalidade de Granger**. A ideia base é que x causa y no sentido de Granger se os valores passados de x contribuem para melhorar as previsões do valor corrente de y com tudo o resto constante.

O teste consiste em analisar:

$$y_t = \mu_1 + \sum_{j=1}^k \alpha_j y_{t-j} + \sum_{j=1}^k \beta_j x_{t-j} + \mu_{1t} \quad (1)$$

Para testar a causalidade de Granger na equação anterior basta fazer um teste F sobre a hipótese:

$$H_0 = \beta_1 = \beta_2 = \dots = \beta_k,$$

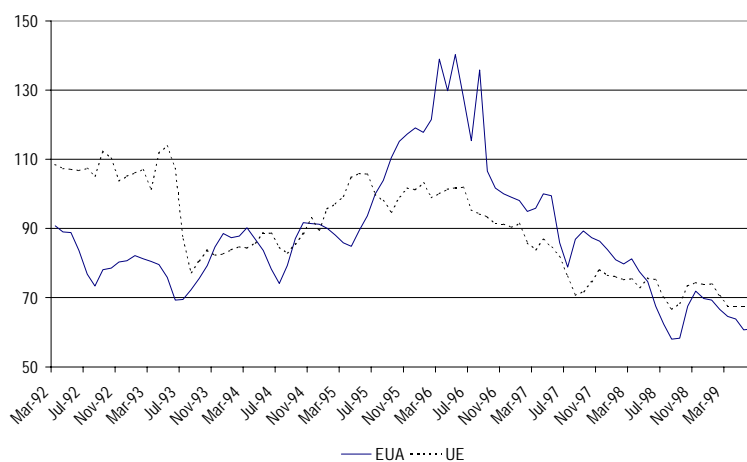
ou seja, **x não causa y no sentido de Granger**

Sendo a estatística F dada por
$$\frac{(\hat{u}'_r \hat{u}_r - \hat{u}'_l \hat{u}_l) / k}{\hat{u}'_l \hat{u}_l / (T - h)} \sim F(k, T - h)$$

Este teste será aplicado aos índices de preços comunitários: do milho, do trigo mole, da carne de bovino adulto e do vitelo

Gráfico IV.8. Índice* de preços no produtor de trigo mole na UE e nos EUA

(Julho de 95 = 100)



* Índice, deflacionado, calculado com base nos preços expressos em dólares.

Fonte: Eurostat "Prix Agricoles"

Ministério da Agricultura EUA (USDA) "NASS"

Em meados de 1996, o preço mundial do trigo mole subiu substancialmente (vd. Gráfico IV.8), provocando uma alteração da procura que se reflectiu numa diminuição das exportações comunitárias (vd. Gráfico IV.6) e numa descida do preço do trigo na UE. Esta situação poderá ser descrita teoricamente pela figura III.2.(pag.11).

IV.3. O Milho

O milho é cultivado com vários destinos: milho-grão para panificação, milho forrageiro para alimentação animal, milho para silagem e milho colhido antes do amadurecimento para ser consumido ainda em espiga (milho doce).

A França é o Estado-Membro com maior representatividade na produção de milho, pelo que o mercado francês constitui uma representação adequada do mercado comunitário. O milho é o único cereal em que a **UE é importadora líquida**.

Portugal, Espanha e Itália são normalmente países com oferta deficitária neste produto tendo que recorrer à importação intra e extra-comunitária.

IV.3.1. O preço do milho no produtor em Portugal: comparação com outros países

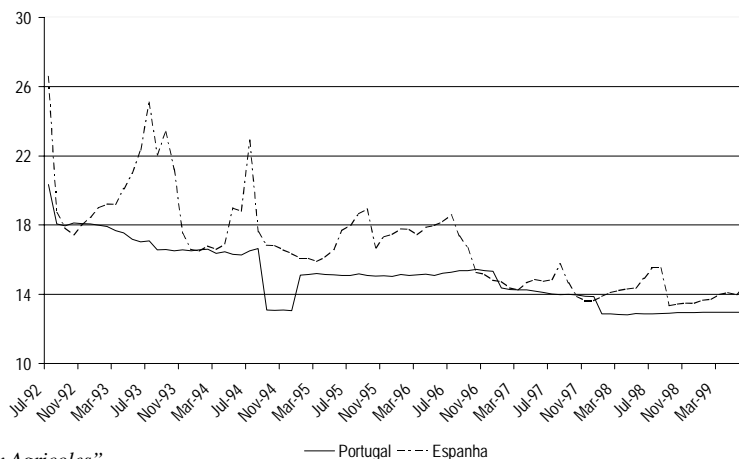
Neste ponto, à semelhança do trigo mole, far-se-á uma análise comparativa da evolução do preço em Portugal com os preços em Espanha, França como referência do mercado comunitário e EUA como referência do mercado mundial. Procurar-se-á tirar conclusões sobre o grau de integração do mercado português do milho nos respectivos mercados para o qual serão também utilizados coeficientes de correlação estatísticos

- ***Mercado Espanhol***

Os preços do milho em Portugal e Espanha obedecem a padrões de evolução diferenciados. Em Espanha observam-se movimentos anuais cíclicos e em Portugal os preços são fixos durante toda a campanha. Não obstante estas diferenças, é notória uma aproximação pontual dos preços, assim como uma tendência decrescente dos

mesmos. Apresentam uma correlação de 0.74⁶ para todo o período em estudo (1992-1999). Se realizarmos a análise apenas para o período após a ocorrência dos acordos da OMC, o grau de integração aumenta, revelando uma correlação de 0.87.

Gráfico IV.9. Preço no produtor de milho em Espanha e Portugal
(ecus/100kg)

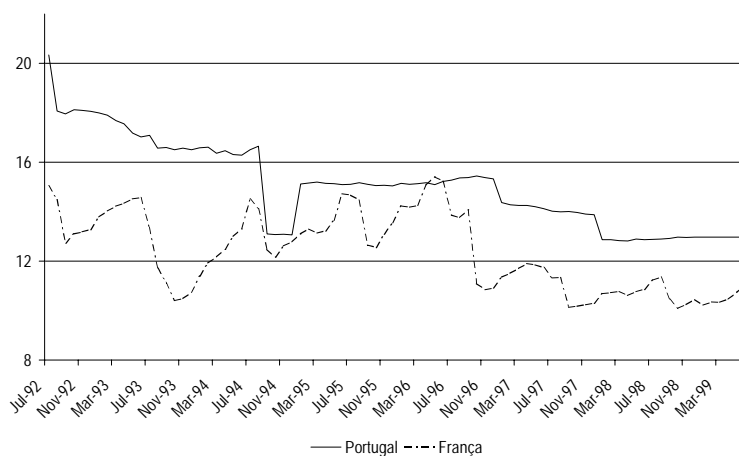


Fonte: Eurostat "Prix Agricoles"

Embora inicialmente os preços apresentem evoluções bastante diferentes, é notória a **aproximação dos níveis de preços**. Esta aproximação dá-se sobretudo pelo alisamento do ciclo espanhol. Os resultados apontam para uma **integração do mercado espanhol e português**.

- **Mercado Comunitário**

Gráfico IV.10. Preços no produtor de milho em França e Portugal
(ecus/100kg)



Fonte: Eurostat "Prix Agricoles"

⁶ Tendo em conta a aproximação pontual que se observa entre os dois preços, a correlação apresentaria um valor superior, nomeadamente se se trabalhasse com preços anuais.

Os preços do milho em Portugal e na Comunidade não apresentam evoluções similares, como podemos observar no gráfico IV.10. Os preços em Portugal sofrem um decréscimo moderado ao longo de todo o período, enquanto que os preços em França só apresentam esse movimento nos últimos anos, como pode ser comprovado pelo baixo valor obtido para o coeficiente de correlação (0.5), para todo o período em estudo. Após Julho de 1996, período terminal **de implementação da reforma, esta correlação tornou-se mais forte, apresentando uma correlação de 0.74**, o que pode indicar uma aproximação dos preços em Portugal aos do mercado comunitário.

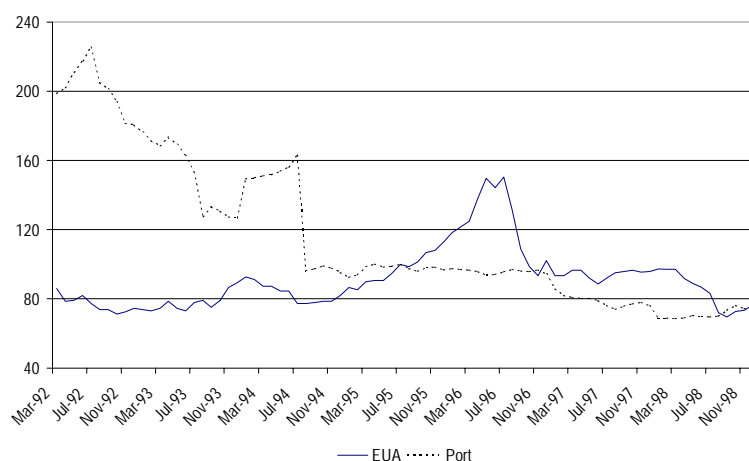
De referir que a tendência de aproximação do nível de preços entre os dois países foi acompanhada de um decréscimo do mesmo em ambos.

- **Mercado Mundial**

Os preços nos EUA apresentam-se relativamente estáveis durante todo o período de análise, à excepção do ano de 1996, em que os preços aumentaram devido a uma diminuição de produção resultante de condições meteorológicas adversas (vd. gráfico IV.11).

Gráfico IV.11. Índices* de preços no produtor de milho em Portugal e nos EUA

(Julho 95 = 100)



* Índice, deflacionado, calculado com base nos preços expressos em dólares.

Fonte: Eurostat "Prix agricoles"

Ministério da Agricultura EUA (USDA) "NASS"

Embora inicialmente a evolução dos preços seja bastante distinta, evidenciando uma correlação próxima de zero, no final do período essa situação alterou-se.

Considerando o período após aos acordos da OMC, o grau de correlação aumenta para 0.58. Esse acréscimo poderá indicar uma **maior integração do mercado nacional no mercado mundial**.

Em resumo:

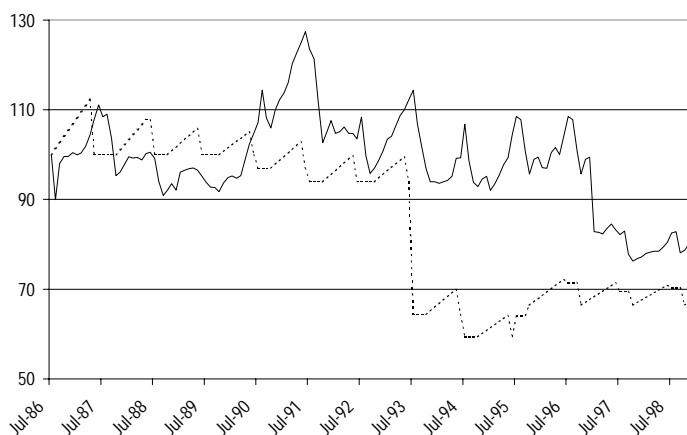
Os níveis de correlação obtidos apontam para o aumento de integração do mercado do milho português no mercado comunitário, espanhol e mundial, após a criação da OMC.

IV.3.2. Reforma de 1992 e OMC

O gráfico IV.12. permite observar a evolução do preço do milho no produtor comunitário e do respectivo preço de intervenção. O **preço de intervenção** apresenta um **movimento sazonal** devido às majorações mensais que sofre durante uma determinada parte da campanha de comercialização⁷.

Gráfico IV.12. Índice* de preços de intervenção e no produtor de milho na UE

(Julho 86=100)



*Índice, deflacionado, calculado em ecus.

Fonte: Eurostat "Prix Agricoles"

J.O.C.E.

..... Intervenção — UE

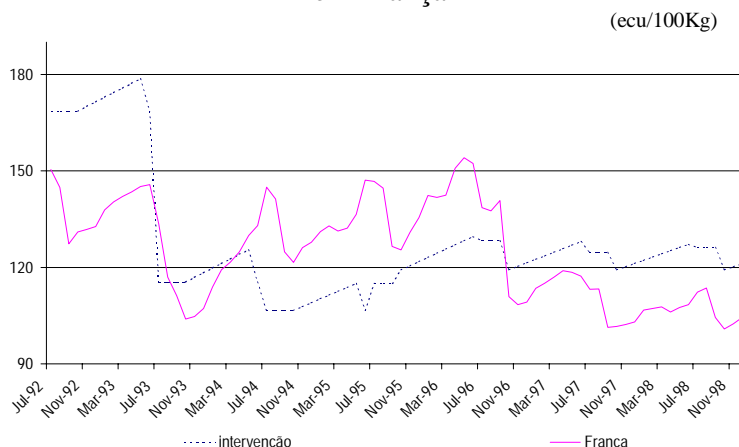
A partir da campanha de 1993/1994 foi iniciada a redução progressiva do preço de intervenção até à campanha 1995/1996, mas como se pode observar no gráfico IV.12 esta descida não se registou na campanha 1995/1996 (último ano de implementação

⁷ Ver OCM dos cereais.

da reforma), observando-se uma subida do preço de intervenção nesta campanha e na seguinte, em consequência do Regime Agromonetário.

O gráfico IV.13 apresenta o preço de intervenção e o preço do milho em França em ecus⁸.

Gráfico IV.13. Preços de intervenção e no produtor de milho em França



Fonte: Eurostat "Prix Agricoles"
J.O.C.E.

À semelhança do trigo mole, na maior parte dos Estados Membros o preço do milho encontrava-se próximo, ou mesmo inferior, ao preço de intervenção, no início da reforma de 1992, que poderá dever-se ao facto do preço de intervenção estar a um nível superior ao preço de equilíbrio e assim ditar o preço de mercado (*vd.* figura III.4). Existiam stocks de intervenção (*vd.* Gráfico IV.14) e um volume de exportações superior ao de importações (*vd.* Gráfico IV.15). A descida do preço do milho na UE, que ocorreu imediatamente a seguir à primeira descida do preço de intervenção - Julho de 93, pode dever-se ao facto, de a descida do preço de intervenção, enunciado pela política, ter sido suficientemente extensa, de modo a que, o preço de mercado do milho, à semelhança do trigo mole, deixe de ser ditado pelo preço de intervenção e passe a formar-se segundo o preço de equilíbrio, situação descrita na figura III.7.

⁸ Nesta comparação, é necessário ter em conta que na conversão na respectiva moeda nacional, ao preço de intervenção aplica-se a taxa verde e ao preço de mercado do trigo mole a taxa de câmbio.

Segundo o teste econométrico da causalidade de *Granger*, não foi rejeitada a hipótese de existir um efeito de causalidade entre o preço de intervenção e o preço de mercado do milho na UE (Barradas, 2000).

Dados do período de implementação da reforma

Quadro IV.2. Superfície, Rendimento e Produção de Milho

	1991	1992	1993	1994	1995
Superfície (1000ha)					
Espanha	493	393	274	342	347
França	1 766	1 869	1 851	1 666	1 624
Portugal	265	190	167	170	112
EUR15	4 072	4 004	3 960	3 842	3 708
Rendimento (100kg/ha)					
Espanha	64,5	70,2	61,9	68,6	73,3
França	72,4	76,6	80,9	78,3	76,0
Portugal	24,8	31,6	34,1	39,4	53,3
EUR15	70,3	77,6	80,3	76,8	78,7
Produção (1000ton)					
Espanha	3 182	2 757	1 699	2 344	2 539
França	12 787	14 886	14 966	13 040	12 349
Portugal	658	600	568	669	597
EUR15	28 635	31 070	31 804	29 508	29 190

Fonte: “A Situação da Agricultura na UE” – relatório 1998.

O mercado Comunitário de milho apresenta normalmente níveis de intervenção muito baixos, à excepção, de 1992 (vd. Gráfico IV.14).

No que se refere ao comércio externo de milho, a UE apresenta volumes pouco representativos quer de exportações, quer de importações. No início da reforma da PAC em 92, a UE apresenta uma situação de exportadora líquida, situação que se alterou na campanha 94/95, a partir da qual o volume de exportações diminuiu substancialmente, em conjunto com um aumento do consumo na alimentação animal.

Gráfico IV.14. Stocks de intervenção de Milho no fim da campanha UE

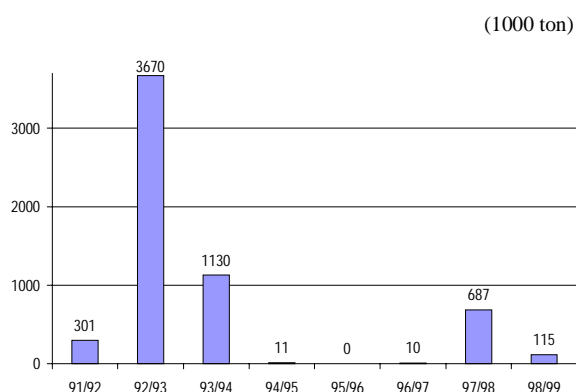
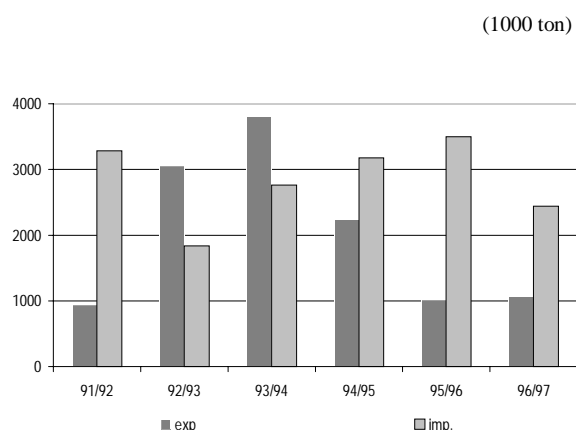


Gráfico IV.15. Importações e Exportações de Milho na UE

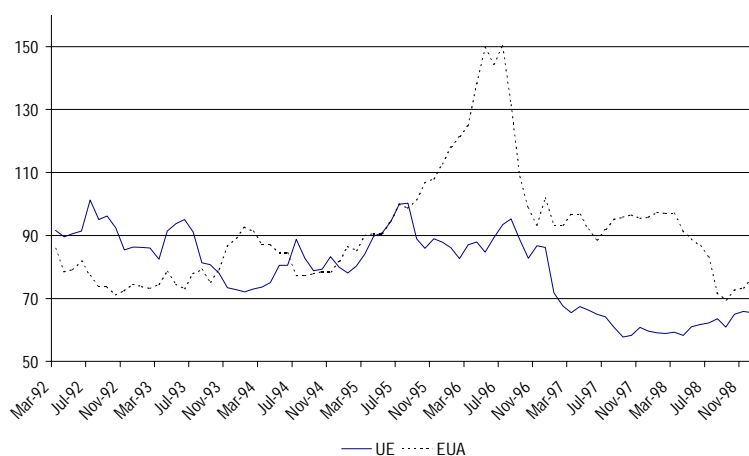


Fonte: Comissão Europeia, DG Agricultura

A evolução do preço mundial do milho pode ser observada no gráfico IV.16, o qual apresenta um crescimento substancial em meados de 1995 até final de 1996. Actualmente já recuperou os níveis do início da década.

Gráfico IV.16. Índice* de preços no produtor de milho na UE e nos EUA

(Julho 1995 = 100)



* Índices, deflacionado, calculado em dólares.

Fonte: Eurostat "Prix Agricoles"

Departamento de Agricultura EUA (USDA) "NASS"

Analisando a correlação entre o índice de preços do mercado comunitário e o do mercado dos Estados Unidos, esta aponta para um aumento de **dependência da evolução do preço do milho no mercado comunitário relativamente à do mercado mundial no período que se seguiu à criação da OMC**, uma vez que se passou de uma situação de correlação praticamente nula para uma outra de 0.6, que embora não seja um valor considerável, pode indicar uma alteração na evolução dos preços após esta data.

A subida do preço mundial pode ter levado a uma alteração da procura e consequentemente à diminuição das exportações comunitárias (deslocamento da curva da procura para a esquerda, pela diminuição da procura externa, *vd.* figura III.2), daí a descida que se verificou após 1996 do preço na UE.

O preço de mercado do milho forma-se normalmente segundo a interação entre a oferta e procura (*vd.* figura III.3), ou seja, o nível de preços está estabilizado entre o preço das importações e o preço de intervenção, por vezes existe recurso à importação quer por necessidade de aprovisionamento do mercado interno, quer devido a acordos

de mercado, mas pouco significativa. A partir de 1998 voltaram a existir entregas à intervenção, embora também pouco significativas.

IV.4. Conclusão

Esta década foi marcada por mudanças políticas importantes no sector dos cereais, quer em consequência da reforma que ocorreu na respectiva OCM em 1992, quer devido a alterações no funcionamento do mercado mundial de produtos agrícolas em consequência da criação da OMC em 1995.

A descida do preço de intervenção enunciada pela reforma em 1992, tinha como objectivo, além de controlar a produção e assim diminuir a quantidade de excedentes, provocar uma diminuição do preço do mercado comunitário de cereais, para preparar as negociações do GATT.

Este objectivo foi alcançado logo na primeira campanha de implementação da reforma (Julho de 1993), em que a descida do preço de intervenção foi acompanhada por uma descida do preço de mercado comunitário, quer do milho, quer do trigo mole. Esta pode ter ocorrido devido ao facto de, inicialmente, o preço de intervenção se situar a um nível superior relativamente ao do preço de equilíbrio, para com a descida decidida pela reforma, ter passado a ser inferior. Deste modo, o preço de mercado, passou a formar-se segundo a interacção entre a oferta e procura do mercado comunitário. A evolução contrária entre o preço de mercado e intervenção, observada nos anos seguintes, é consequência de um factor não previsto, a subida do preço mundial.

Deste modo, pode-se concluir que **a relação entre o preço de intervenção e a formação do preço de mercado, ao nível da produção, não é directa, sendo um factor central a relação entre o nível de preço que resulta da interacção da oferta e procura (preço de equilíbrio) e o nível do preço de intervenção.**

A relação entre o preço mundial e a formação do preço comunitário, do trigo mole e milho, tornou-se **mais evidente após a criação da OMC em 1995**. Uma vez que, nos acordos da OMC, ficou decidido uma diminuição do montante de restituições

à exportação, que foi conseguida pela aproximação do preço dos cereais comunitários ao preço mundial. Foi também decidida uma diminuição da protecção do mercado comunitário, uma vez que em caso de descida acentuada do preço mundial, se o preço comunitário não acompanhar esta descida, o preço dos cereais importados poderão acompanhar a descida do preço mundial.

Relativamente ao trigo mole, a Comunidade apresenta um volume de importações pouco significativo, mas as exportações representam cerca de 15% da produção. Assim, **alterações do preço mundial têm reflexo no volume de exportações, e consequentemente, no preço comunitário.**

